



Sociedade Brasileira de Física

[Índice](#) | [Home](#)

[Boletim \[015/2012\]](#)

Dia Internacional da Mulher

A exclusão invisível

Norbert Elias [1,2] estimava que a principal revolução desencadeada pela sociedade ocidental em toda a sua história aconteceu no século XX, quando as mulheres conquistaram o direito a uma identidade própria, sem a necessidade de se definir a partir de sua relação com o pai ou com marido. Entretanto, este direito ainda hoje não é pleno em muitos aspectos, como é o caso da participação feminina em áreas das ciências como a física.

Uma alegoria dessas lutas é o dia 8 de março, escolhido pelas Nações Unidas como o dia internacional da mulher. Atualmente, cerca de setenta nações adotam esta data, que faz referência a greve de mulheres russas no prenúncio da revolução de 1917. Neste ano, no Brasil, **além dos 35 anos da existência do Dia Internacional da Mulher, comemoramos os 80 anos de direito ao voto feminino**. Essas conquistas passam por organizações políticas e acadêmicas/científicas como a ABRASCO ou como, no âmbito governamental, a recente Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República – SPM/PR[3-6].

Um resultado dessa mobilização é que por vezes transparece para a sociedade, através da mídia de massa, certa igualdade de gênero social. Contudo, isto não acontece, nem mesmo de modo razoável: a mulher continua a receber salários defasados, a ser brutalizada fisicamente, e a ocupação de espaços sociais permanece desequilibrada; de modo que a suposta identidade própria permanece comprometida [6,7].

A busca por identidade social própria é uma das respostas fundamentais à histórica violência contra a mulher. Esta violência possui um caráter explícito, associado muitas vezes à vergonha e ao preconceito, e outro implícito, marcado também pelo preconceito, mas caracterizado por certa invisibilidade social. Os temas sobre o gênero de caráter mais explícito vêm sendo sistematicamente estudados e discutidos, com pesquisas que tratam desde questões éticas ligadas a liberdade de cátedra e gênero [8,9], literatura e cinema [10] até a violência corporal e moral das mulheres [11]. Por outro lado, os temas de natureza mais implícita estão sendo desenvolvidos, mas em escala muito menor. Um exemplo dessa violência implícita contra a mulher é traduzido pela observação da porcentagem de doutorandas nas áreas da física em alguns países: EUA, 13%; França, 26%; Alemanha, 10%; Brasil, 15% [12-15]. A este tipo de constatação, as análises de senso comum apontam para uma reificação de conceitos ingênuos, que se fundam no desconhecimento ou na não-aceitação preconceituosa de contribuições que mulheres legaram às ciências físicas.

Dois exemplos são aqui suficientes para desmistificar a falácia, dentre outros argumentos de mesma natureza, da falta de capacidade biológica da mulher para as ciências físicas e matemática. O primeiro é o trabalho de Marie Curie em física subatômica, que resultou-lhe ser laureada com dois prêmios Nobel [16]. O outro exemplo desse legado é o da professora Emmy Noether: seus resultados sobre simetrias, parcialmente resumidos no famoso *teorema de Noether*, fundamentam *todas* as teorias da física moderna [16,17].

Esses exemplos expressivos são indicativos de que a participação percentualmente mínima das mulheres na área de física tem origem em elementos de exclusão construídos socialmente ao longo de séculos. Entretanto, persiste o referido manto de invisibilidade social, que embota a análise objetiva desse processo. Nesta perspectiva, o Conselho da Sociedade Brasileira de Física (SBF) instituiu, em 2003, a Comissão de Relações de Gênero, com o objetivo de levantar e estabelecer ações para que atividades em física no país sejam conduzidas independentemente de gênero e etnia. As ações desta Comissão da SBF, como estudos sobre a participação da mulher na física brasileira e a promoção do debate sobre essa problemática, constituem acréscimos ao processo, a que se referia Norbert Elias, de conquista feminina da identidade social própria; processo que traz em si implicações para toda a sociedade.

Elisa Maria Baggio Saitovitch (CBPF) - Coordenadora
Renata Zukanovich Funchal (IF-USP)
Maria Cristina Batoni Abdalla Ribeiro (IFT-UNESP)
Marcia Cristina Bernardes Barbosa (IF-UFRGS)
Suani Tavares Rubin de Pinho (IF-UFBA)
Ademir Eugênio de Santana (IF-UnB)

Membros da Atual Comissão de Relações e Gênero da SBF

Referências bibliográficas

1. Norbert Elias, *A Sociedade dos indivíduos*, Paris, Fayard, 1990.
2. Nathalie Heinich, *A sociologia de Norbert Elias*, Bauru/SP, EDUSC, 1997.
3. Tânia M. Fontenele-Mourão, *Mulheres no topo da carreira*, Brasília, Publicação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.
4. Francisco M. Paz, *Senadoras: dados biográficos*, Brasília, Secretaria de Arquivo, Senado Federal, 2004.
5. Leila L. Barsted, *Os avanços no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres*, em: *Autonomia econômica e empoderamento da mulher*, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, Ministério das Relações Exteriores, 2011.
6. Tania N. Swain, Voto Feminista, primeira conquista, www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=487; 2012.
7. Pierre Bourdieu, *A Dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
8. Débora Diniz, Samantha Buglione, Roger R. Rios, *Entre a dúvida e o dogma*, Brasília, Letras Livres, 2006.
9. Wendy Rogers, Angela Ballantyne, *Populações especiais: vulnerabilidade e proteção*, em: *Ética em pesquisa: temas globais*, Debora Diniz, Andréa Sugai, Dirce Guillhem, Flávia Squinca [Eds.], Brasília, EdUnB (2008).
10. Cíntia Schwantes, *Genealogias de gênero: orientações de dissertações e teses no grupo de*

trabalho A Mulher na Literatura, em: *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*, Org. Cristina Stevens, Florianópolis, Editora Mulheres, 2010.

11. Kátia S. Braga, Elise Nascimento [Orgs], Débora Diniz [Ed.], *Bibliografia Maria da Penha: Violência contra a mulher no Brasil*, Brasília, Letras Livres e EdUnB, 2006.
 12. Rachel Ivie, Kim .N. Ray, *Women in Physics and Astronomy*, American Institute of Physics Report, 2005 (www.aip.org/statistics).
 13. D.A. Agrello, R. Garg, *Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento*, Rev. Bras. Ens. Fis. **31**, 1305 (2009)
 14. Marcia C.B. Barbosa, J.J. Arenzon <http://www.if.ufrgs.br/~arenzon/bolsa/>
 15. Physics World special issue: Women in Physics <http://physicsworld.com/cws/article/print/17749>;<http://www.aip.org/statistics/trends/highlite/women/iupap.htm>.
 16. Nina Byers, Garry Williams (Eds.), *Out of the shadows: contributions of Twentieth-Century women to physics*, Cambridge Univ. Press, New York, 2006.
 17. James W. Brewer, *Emmy Noether: A Tribute to her life and work*, ed.: Martha K. Smith, Marcel Dekker, 1981.
-